

Revolução Industrial e reformismo social na Inglaterra pré-vitoriana

Maria Odila Leite Silva Dias
Departamento de História — FFLCH/USP

Este artigo aborda o papel dos conservadores ingleses no processo de modernização da estrutura política e do Estado na Inglaterra na época da Revolução Industrial, quando se tornou necessário adaptar as instituições e o meio às novas forças sociais emergentes das mudanças nas relações sociais de produção, mormente com a formação das novas classes trabalhadoras.

A emergência do *welfare state* e a crise de 1930 levou a uma ampla bibliografia crítica do papel dos liberais na Inglaterra de 1820 a 1930, que é bem conhecida. Entretanto, a experiência inglesa oferece um interesse peculiar aos estudiosos das ideologias de controle social e das forças de estruturação do Estado moderno dado ao papel atuante de fatores tradicionais que conseguiram forjar compromissos e manter a continuidade num cadinho de transformações sociais de potencial revolucionário. Nos últimos anos parece recrudescer o interesse pelo estudo da ideologia conservadora e do seu papel histórico nas origens do *welfare state* (1).

(1) — Calleo, David C. *Coleridge and the idea of the modern state*, N. York, 1970; Carnall, Geoffrey. *Robert Southey and his Age (the development of a*

Não se trata aqui propriamente de lembrar o estudo das vicissitudes de formação das agremiações partidárias e da escola de Lewis Namier e seus discípulos, porém de abordar de modo mais abrangente o estudo das ideologias de controle das novas forças sociais emergentes com o surto de industrialização, ou seja, o da integração no corpo social das novas massas trabalhadoras. No período que enfocamos, a primeira metade do século passado, os termos liberais e conservadores, no sentido contemporâneo em que os usamos, apenas se difundiam entre os comentaristas políticos dos periódicos ingleses, na medida do impacto da Revolução francesa e industrial, mas mais precisamente nos anos que se seguem às tentativas revolucionárias de 1812, na Espanha e de 1820 em toda a Península Ibérica (2). Até que as reformas eleitorais e parlamentares os re-estruturassem, *whigs* e *tories* tinham perdido sua conotação política tradicional e se transformado, no dizer de muitos contemporâneos, nos *ins* e *outs* que marcavam um ritual político, momentaneamente dominado pelo clima de guerra e de repressão contra-revolucionária dos vinte e cinco anos de guerra contra Napoleão.

A ênfase no problema de integração das novas massas trabalhadoras na sociedade tradicional inglesa levou à emergência de um pensamento político de fundo essencialmente conservador e anti-liberal, que se pode caracterizar como a *ideologia da cultura* e que alguns autores, como Alfred Cobban, costumam vincular à reação contra o racionalismo da Ilustração, por causa de suas premissas indutivas, baseadas no método histórico, de raízes organicistas e de crítica aberta contra os princípios abstratos e dedutivos dos economistas políticos e do jusnaturalismo liberal.

Anti-liberais e anti-capitalistas, os conservadores ingleses queriam superar o desenraizamento do homem na sociedade moderna. Queriam regenerar-se e também ao mundo através das idéias, da história, e da moral.

conservative mind). Oxford, Clarendon Press, 1960; Kirk White, *The Conservative Mind*, Londres, Faber & Faber, 1965.

(2) — Southey teria sido um dos primeiros comentaristas políticos ingleses a empregar na imprensa o termo “conservador” no seu moderno contexto ideológico. Cf. Halevy, Elie. *The Triumph of Reform*, Londres, 1950, 66-67; Carnall, G. *Southey and his Age*, 176. Em artigo sobre a reforma parlamentar escrito em 1816, referia-se à *vix conservatrix* e aos princípios de permanência da natureza, não como muralhas destinadas a parar o fluxo das cousas, mas no sentido de uma força ativa da natureza, imdependente a muito maior do que os indivíduos; força ativa, atuante, em permanente oposição “às forças destrutivas”: o conservadorismo seria um dos aspectos das dualidades de oposição, que polarizavam o pensamento romântico (“Works on England”, *QR*, vol. XV, n. 30, julho 1816: 573”, “On parliamentary reform”, *QR*, XVI, n. 31: 276). Neste mesmo artigo também utilizava, e seria esta a primeira vez, segundo o *Oxford English Dictionary*, o novo sentido do termo *liberal*. Cf. Llorens, Vicente. *Literatura, História, Política*, Madrid, 1967: 56.

Os economistas políticos tomavam como ponto de partida o *homo oeconomicus*, os interesses da produção capitalista, e os conservadores se voltavam para o homem não como “aglutamento manufatureiro” mas como um ser moral, religioso e histórico. Esta corrente de pensamento seria reforçada por Coleridge, que divulgou, na Inglaterra, a visão organicista e espiritualista dos historicistas alemães (3). Parecia-lhes que o problema central da condição humana em seu tempo era a exorbitância dos interesses ou valores capitalistas. Contra o novo sistema de produção, oporiam seu interesse ambíguo pela justiça social, pela distribuição igualitária de rendas e pelos problemas referentes ao consumo dos artesãos e trabalhadores. Entretanto, não argumentariam com dados econômicos e sim culturais: o aparente progresso material da Inglaterra esconderia um processo de desintegração da cultura e, portanto, da própria seiva vivificadora da sociedade (4).

Vistos à distância do tempo, parece evidente a presença de valores tradicionais (o ceticismo naturalista, que aceita a desigualdade e a fome como condição da natureza humana, os padrões autoritários paternalistas até no próprio âmago da Revolução industrial, não apenas entre conservadores, porém igualmente entre os radicais populares do movimento artesão (5) e no próprio âmago do liberalismo econômico. Para Elie Halévy, o liberalismo econômico estava erradamente identificado com o princípio racionalista de uma identidade natural de interesses na sociedade. Ante o problema da recorrência cíclica de crises de produção, Ricardo teria demonstrado suas dúvidas sobre o *laissez faire*, chegando a aventar a hipótese de um despotismo esclarecido dos empresários para regulamentar

(3) — Orsini, G. N. G. *Coleridge and German Idealism. A Study in the History of Philosophy, with unpublished material from Coleridge's Manuscripts*, Londres, Southern Illinois University Press:, 1971. Cf. os valores com que Southey criticava a obra de Adam Smith: “That book considers man as a manufacturing animal... it estimates his importance not by the sum of goodness and of knowledge, which he possesses, not by the virtues and charities, which should flow towards him and emanate from him, not by the happiness of which he may be the source and centre, not by the duties to which he is called, not by the immortal destinies for which he is created but by the gain which can be extracted from him, or of which he can be made the instrument” (*Ibidem*: 337).

(4) — Opunham progresso material a progresso moral e distinguiam entre civilização e cultura: “... that a nation can never be a too cultivated, but may easily become an over-civilized race”, escrevia Coleridge em seu livro *Church and State*; Cf. Alfred, Cobban, *Edmund Burke and the Revolt against the 18th century*, Londres, 1960; Williams, Raymond. *Culture and Society*. Londres, 1960.

(5) — *Letters from England*, 372; *New Letters*, II, 113-127. Sobre as afinidades entre conservadores e radicais: Haller, William. “Southey's Later Radicalism”, *art. cit.*, Thompson, E. P. *The making of the English Working Classes*; Hobsbawm, E. *The Age of revolution*; Williams, Raymond. *Culture and Society*; Knorr, E. K. *British Colonial Theories*: 237.

a produção e corrigir a instabilidade econômica da sociedade inglesa pré-vitoriana (6)...

Mas não se trata neste artigo de explorar as ambigüidades e as contradições do pensamento liberal e sim de chamar atenção para o papel atuante da ideologia conservadora na modernização da Inglaterra. David C. Calleo, atribui a estabilidade política dos ingleses à flexibilidade dos conservadores e à sua extraordinária capacidade de aceitar mudanças, o que os levou a participar ativamente do processo de reestruturação do Estado no correr do século passado (7).

É verdade que a ideologia conservadora contra-revolucionária, que emerge na Europa com a Revolução francesa e industrial nunca se identificou simplesmente como o puro ceticismo tradicionalista e sim com um programa de reforma com as quais pretendiam evitar revoluções e rupturas bruscas com o passado. As forças de reação da Santa Aliança e o conservadorismo alemão também teriam seu papel modernizador, como lembra Jacques Droz ao estudar as nuances voluntaristas da política de Metternich: entretanto, os ideólogos da Santa Aliança nem de longe enfrentavam o surto de transformações sociais acarretados na Inglaterra pela Revolução Industrial (8).

O fato é que, na Inglaterra, resquícios tradicionalistas, como o antigo corporativismo anglicano, tiveram papel atuante nos compromissos que moderaram as reformas eleitorais parlamentares e atuaram decisivamente nas reformas administrativas centralizadoras, na acomodação do movimento trabalhista depois de 1848 e na efetivação, na década de oitenta, do sistema estatal de ensino e de muitas das medidas pregadas pelos conservadores e que a princípio tanto escandalizavam liberais e dissidentes... Na Inglaterra pré-vitoriana, o antigo corporativismo anglicano, característico do paternalismo e das relações de dominação do antigo regime persistem, não apenas na ideologia da cultura dos conservadores, mas também no movimento político dos artesãos. Estes, através do radicalismo popular, procuraram lutar contra a livre iniciativa e o *laissez faire* dos empresários, contra os princípios individualistas de livre competição, em prol da tradição comunitária dos antigos grêmios artesãos. Lutavam contra a livre demanda, em prol de antigos preços "justos" e contra a nova

(6) — Halevy, Elie. *The Growth of Philosophical Radicalism*: 324 e 109, 118; Brebner, J. B. "Laissez faire. State intervention in the 19th century", *Journal of Ec. Hist.*, 1948: 59.

(7) — Calleo, David C. *Coleridge and the Idea of the Modern State*: 156.

(8) — Droz, Jacques. *Le Romantisme allemand et l'état. Résistance et collaboration dans l'Allemagne napoléonienne*. Paris, Payot, 1966; Barnard, F. M. *Herder's social and political thought (from Enlightenment to Nationalism)*. Oxford, Clarendon Press, 1965.

disciplina de trabalho nas fábricas, procurando manter a hierarquia de trabalho qualificado das antigas corporações de ofício e os seus padrões de mutualidade e cooperativismo. E. P. Thompson, em sua *História da Formação das classes trabalhadoras na Inglaterra*, procura estudar em toda sua aparente ambigüidade a contribuição do tradicionalismo corporativista artesão para a formação do sindicalismo moderno.

Neste artigo pretendemos estudar a ideologia conservadora face à questão social e as novas massas trabalhadoras, analisando as afinidades da sua militância anti-liberal com o reformismo social do radicalismo popular e do radicalismo utilitarista. Afinidades da conjuntura histórica de iminência de uma guerra civil em que viveram todos os contemporâneos da Revolução industrial na Inglaterra e não de princípios, nos quais divergiam bastante.

Mesmo nos meios mais conservadores da Inglaterra pré-vitoriana havia uma consciência clara da necessidade de proceder a reformas urgentes para impedir a revolução, que sentiam iminente, e pois de adaptar o país às transformações sociais de seu tempo: Era o que exprimia um conservador como Robert Southey, em artigo escrito em 1817, sobre o crescendo das agitações sociais na Inglaterra:

“... A questão é saber se podemos evitar a revolução, esta doença moral destes tempos turbulentos em que vivemos, para que tenhamos tempo de educar o povo e de melhorar a sua condição de vida...” (9).

O mesmo ecoaria entre os líderes do radicalismo popular:

“...Queremos grandes mudanças, porém nada de novo”, (diria William Cobbett), “mudar, modificar para nos adaptarmos aos tempos e às circunstâncias presentes; mas os grandes princípios *devem* e *têm* de permanecer os mesmos, porque senão haverá grande confusão” (10).

(9) — “The question is whether revolution, whether this endemic moral malady of this distempered age, can be averted till time be gained for educating the populace and improving their condition” (“On the rise and progress of popular disaffection”. *Quarterly Review*, vol. XVI, n. 32: 552); “... We are on the brink of the most dreadful of all imaginable evils, — a war of the poor against the rich, of brute ignorance against everything above its own degraded level... My fears are that, let what will happen, the liberties of England are in greater peril than they have ever been before, and that the alternative is, whether we shall have a despotism before a civil war or after it. The proudest days of England are to come, but her happiest days, in my inmost heart I fear, are over...” (Carta ao irmão Thomas Southey, 12 de maio de 1812, *Selections*, II: 273).

(10) — “We want *great alteration*, but we want *nothing new*. Alteration, modification to suit the times and circumstances; but the great principles ought

O contraste entre Robert Southey e John Stuart Mill quanto à maneira de sentir as mudanças de seu tempo seria sugestiva da evolução do clima político e da consciência social dos intelectuais ingleses das primeiras décadas do século. Para Southey, que viveu em cheio o auge da repressão e das tensões políticas, de 1816 a 1819, uma insurreição popular parecia iminente, assim como patentes eram as forças de desintegração da sociedade e grave a ameaça de uma guerra civil de pobres contra ricos. Suas observações foram escritas em atmosfera de pânico, sob o impacto da insegurança e do susto. Na verdade, o clima de tensão e de insegurança social, que foi num crescendo, desde os quebra-máquinas luditas (1812-13) até o massacre de Peterloo, em Manchester (1819), exarcebou a ideologia da contra-revolução e coincidiu com a militarização da Inglaterra; em 1812, uma força de cerca de doze mil homens, correspondente ao total dos contingentes ingleses na campanha peninsular, patrulhava a zona rural de Lancashire, Nottingham, Yorkshire e East Riding, onde os luditas se manifestavam com maior violência (11). Em 1812, no auge da crise “sujeitos esquisitos, despedidos das fábricas de Carlisle e do litoral de Cumberland apareciam em Keswick”, escrevia ele a um amigo, pedindo duas pistolas e um apito para alertar o guarda, quando sua casa fosse assaltada (12). Alguns anos depois, em carta de 1820, estava de novo apavorado com a possibilidade de sua casa ser apedrejada à noite por gente violenta (13). De onde o conservadorismo com que se opôs à reforma parlamentar e a inquietação com que enfrentou o problema das massas e o novo fenômeno da opinião pública.

Já para John Stuart Mill, parecia evidente que todo nexos social mudara; proprietários rurais já não contavam com a lealdade de seus empregados, nem indústrias com a de seus operários (14). Em 1835,

to be and must be, the same, or else confusion will follow”... Thompson, E. P. *op. cit.*: 756).

(11) — Thompson, E. P. *The making of the English Working Class*: 564.

(12) — Carta para C. G. Bedford, de 17 de janeiro de 1812, *L&C*, III: 326-7.

(13) — Carta a Wade Browne, de 26 de dezembro de 1820, *New Letters*, II: 220: “... My radical neighbours here behaved well in their triumph for the Queens escape from justice. They illuminated their own house but did not molest the half-dozen persons in the town, who put up no lights on the occasion. I was glad when the night was over, having hardly expected to escape without a few stones. At all times I would face a mob, and should do it by day-light with as much confidence as Wesley himself; but the chance of making any impression upon them would be very much lessened by darkness. The eye has as much power as the voice, perhaps more; and besides you see to whom to address yourself...” (*New Letters*, II: 220).

(14) — Stuart Mill, John. “The Spirit of the Age”, *Culture and Politics*: 2 e 4.

endossava Tocqueville, quando este lembrava a necessidade de uma nova ciência política para o mundo contemporâneo (15). A distribuição do poder político não poderia continuar por muito tempo em desacordo com o poder real das forças existentes sem provocar uma convulsão:

“a constituição da Grã-Bretanha pode permanecer inalterada daqui por diante, mas nem por isso estaremos menos sob o domínio cada dia mais irresistível da opinião pública” (16).

Em 1831, o problema se lhe afigurava bem claro. Após três décadas de mudanças radicais na sociedade, homens novos queriam um governo novo ... (17). Entretanto, não o preocupava somente a afirmação do poder das classes médias em si, mas sobretudo o seu papel de intermediário entre a aristocracia e as classes trabalhadoras: a consciência de deveres paternos para com os pobres, cujo trabalho deviam retribuir com assistência e proteção, instruindo, educando e moralizando (18).

Seus pontos de vista refletiam diferentes atmosferas políticas. A época em que Southey escrevia, sobretudo durante as duas primeiras décadas do século passado, foi o auge do conservadorismo *tory*: sustavam-se todas as reformas e havia uma violenta política de repressão (19). Depois de 1824, o governo se tornaria menos rígido e o novo liberalismo *tory* faria uma série de concessões para as forças reformistas (20).

Durante as três primeiras décadas do século passado travou-se a luta entre aristocratas e classes médias. Antagonistas políticos, lançavam uns sobre os outros a culpa pela miséria das classes trabalhadoras. Afinal, o onus financeiro da lei de assistência aos pobres seria o preço que os novos empresários concordariam em pagar, em troca da revogação da lei de aprendizes; era também por sua vez o preço que a aristocracia rural estava disposta a pagar em troca das leis proibindo a importação de cereal do continente que pudesse competir com a produção interna (21). Durante

(15) — *apud* Stuart Mill, John. *Essays on Culture & Politics*: p. 176.

(16) — Stuart Mill, John. “Civilization”, *Politics and Culture*: 54.

(17) — *Ibidem*: 177.

(18) — *Ibidem*: 10-15 e 48.

(19) — White, R. J. *Waterloo to Peterloo*. Londres, 1963: p. 20.

(20) — Thompson, David. *England in the 19th Century*, Penguin, 1963, 10a. ed., II.

(21) — “... The poor-rates are the consideration paid by, or on behalf of, capitalists for having labour at demand. It is the price, and nothing else. The hardship consists in the agricultural interest having to pay an undue proportion or the rates...” Coleridge, S. T. *Table Talk*, 27 de abril de 1823: 27; Colmer, Cohn. *Coleridge Critique of Society*: 144; Halevy, Elie. *The Growth of Philosophical Radicalism*: 255.

esse período de repressão e de afirmação do princípio utilitarista, quase desapareceu a consciência de males sociais a serem remediados: paralisaram-se os movimentos de reforma social (22). As providências dos humanitaristas filantrópicos em prol das crianças varredouras de chaminé (1788) logo caíram em desuso, assim como medidas tendentes a melhorar a condição dos preços (23). Contra a redistribuição dos lucros preferiam em geral as classes dominantes soluções mais cômodas oferecidas pelo mercado exterior, de onde a ideologia do comércio livre e a campanha da imigração sistemática de excedentes de população. A campanha pela abolição de tráfico de escravos absorveria os instintos humanitários, afastando-os da questão social interna incômoda e difícil (24). Os proprietários rurais, herdeiros da consciência de deveres humanitários para seus “dependentes” estavam imbuídos da mentalidade capitalista e negligenciavam a antiga ética social paternalista. O clero anglicano, decadente e desorganizado, abstinha-se de tomar partido, mantendo-se omissos e alheios (25). Os princípios e a mentalidade dos dissidentes condiziam mais com a nova sociedade burguesa; o antigo sistema social anglicano apegava-se a resquícios de comunitarismo paroquial e aos privilégios da aristocracia cada vez mais aberrantes. A consciência de excessos desumanos na exploração de mão-de-obra infantil e de mulheres, assim como, de tecelões e operários das malharias, maiores vítimas da primeira fase da Revolução industrial, somente se manifestaria com os primeiros sintomas de revolta organizada e com o pavor de uma revolução popular: trataram então de organizar a miséria de modo a evitar uma ameaça para a ordem social existente. É o que explica o interesse dos economistas clássicos pelo problema da distribuição de renda. A consciência humanitária seria um trunfo das classes médias na luta em que estavam empenhadas contra os privilégios da aristocracia (26).

(22) — Bendix, Reinhard. *Work and Authority in Industry (Ideologies of management in the course of industrialization)*, N. York, Harper Torchbooks, 1963: 20, 42-3.

(23) — Thompson, E. P. *op. cit.*: 341.

(24) — David, Brion org. *Ante-Bellum Reforms*. N. York, Harper, 1967.

(25) — Gragg, G. R. *The Church and the Age of Reason*, Penguin, 1966, 2ª ed.: 169. Robert Southey escreveu vários artigos sobre a decadência da igreja anglicana e as deficiências de sua atuação social: *Letters from England*, 105-6, etc. Em 1806, comentava em carta para Rickman, o perigo social e as conseqüências do desinteresse da igreja pelas camadas mais pobres do país, entre as quais difundia-se o calvinismo, o metodismo, e todo gênero “de seitas revolucionárias e nocivas à ordem social” (Carta de 19 de maio de 1807, *Selections*, I, 370). Dissidentes fanáticos preparavam uma revolução social e parecia essencial regenerar a igreja anglicana (Carta de 12 de março de 1812, para Charles Wynn, *L&C*, IV: 22-4). Cf. R. H. Tawney, *Religion and the Rise of Capitalism*. N. York, Mentor, I, 2ª ed., 1963: 163).

(26) — Halevy, Elie. *ob. cit.*: 337; Bendix, Reinhard. *Work and Authority in Industry*: 31.

Para os empresários, o preço “natural” do trabalho era o da subsistência do trabalhador, o mínimo suficiente para garantir sua sobrevivência, o que para o ceticismo tradicionalista constituía por si uma vantagem, pois a miséria era uma característica aceita em todas as sociedades tradicionais; principalmente levando-se em conta a lei de Malthus do crescimento da população em proporção desigual ao da subsistência... (27). James Mill comparava o assalariado ao escravo; diferenciava-os apenas o modo de adquiri-los: o proprietário do escravo teria direito perpétuo sobre este, ao passo que o empresário apenas comprava um mês, uma semana, um dia, do trabalho do assalariado (28).

Os novos empresários vislumbravam incompatibilidades e conflitos de interesse entre os assalariados e os patrões (29), mas estavam mais preocupados com o problema da diminuição do lucro, acarretado pelo aumento do salário, do que em melhorar as condições de vida das classes trabalhadoras.

Com o aumento da população e o crescimento da demanda, os produtos agrícolas tornavam-se cada vez mais caros. A campanha contra a miséria dos trabalhadores rurais, em escandaloso contraste com a propriedade dos proprietários, estava diretamente relacionada com a luta dos empresários contra os privilégios políticos da aristocracia e pois com a luta pela abolição da lei de cereais de 1815, de todo e qualquer protecionismo, assim como, pela reforma da lei de assistência aos pobres. Por sua vez, proprietários rurais voltavam suas preocupações humanitárias contra o fenômeno da industrialização. A agricultura era para eles a mais importante das ocupações, pois supria as necessidades vitais da subsistência dos homens; identificava-se em importância à própria razão de ser do Estado e porisso dispensava qualquer interferência de sua parte. Não assim a indústria e os novos empresários: estes deveriam aceitar a intervenção e a regulamentação do Estado, pois representavam uma anormalidade perigosa do organismo social. A aglomeração de trabalhadores nas áreas industriais, a promiscuidade das zonas urbanas em expansão, a inexistência de serviços administrativos e sanitários, as péssimas condições de habitação e alimentação dos operários, ao ver de um contemporâneo como Robert Southey, tornava as cidades industriais “vulcões prestes a explodir” (30)...

(27) — Bendix, Reinhard. *op. cit.*: 17, 20, 41, 61, etc.

(28) — Halevy, Elie. *op. cit.*: 331.

(29) — Halevy, Elie. *op. cit.*: 358.

(30) — Halevy, Elie. *op. cit.*: 334 e 340, 332 ss.

O impacto da Revolução francesa e das guerras napoleônicas, juntamente com o surto capitalista que os envolveu, amainaria por algum tempo as preocupações humanitárias. Economistas da escola agrária como Malthus ou Dugald Stewart procuravam estudar a melhor forma de desenvolver o capitalismo agrário. Apegavam-se em parte a certas teorias dos economistas fisiocratas e procuravam favorecer a expansão da agricultura, aumentar sua produtividade e sobretudo manter o predomínio agrário na economia do país. Daí idealizarem, ao término das guerras, a *lei dos cereais* (1815) como medida protecionista para proteger os proprietários rurais de uma eventual concorrência do trigo do continente e baterem-se em 1817 por prêmios que incentivassem a exportação de cereais. Os economistas agrários não tinham nenhuma preocupação social; atinham-se ao *bon prix* e não viam inconvenientes sociais do encarecimento interno dos gêneros de primeira necessidade. Aceitavam como inevitável a miséria social. Voltavam-se para o mercado externo e eventualmente para uma política de emigração, como sangria para o Estado; a instabilidade de mercados externos, abastecedores de alimentos faria eventualmente com que se interessassem por colônias agrícolas de povoamento.

Quanto à questão social, atinham-se a soluções essencialmente tradicionalistas. Procuravam reviver o antigo sistema anglicano, de assistência social, reformar a igreja, reatar antigos laços de dependência e respeito entre as classes dominantes e seus subordinados e queriam estender as antigas relações de dependência ao trabalho industrial. Em oposição aos liberais, a sua política fundamentava-se no princípio da assistência estatal. Cabia ao Estado a responsabilidade pelo bem estar dos indivíduos e o socorro aos necessitados. Recorriam à assistência paroquial; sugeriam ocupar desempregados em grandes obras públicas e preocupavam-se em organizar um sistema de educação gratuita. Este seria segundo os economistas agrários e os conservadores em geral uma das principais missões do Estado e da Igreja Anglicana. Como bons discípulos dos fisiocratas viam pelo menos duas grandes vantagens nas despesas públicas (31): os gastos públicos consumiam o excesso de acumulação de capitais que acarretavam desvalorização das rendas e a lei do lucro decrescente. Por outro lado, contribuíam para manter o precioso e fundamental equilíbrio entre a economia agrária e a industrial, impedindo

(31) — Southey, R. *Letters from England*; 221 e 371 ss; "... Imagine the infatuated and infuriated wretches, whom not Epitalfields, St. Gile's and Pimlico alone, but all the lanes alleys and cellars of the Metropolis would pour out; ... frightful population, whose multitudes, when gathered together, might almost exceed belief! The streets of London would appear to teem with them, like the land of Egypt with ist plague of frogs: and the lava floods from a volcano would be less destructive than the hordes whom your great cities and manufaturing districts would vomit forth!" (*Colloquies*, I: 115).

que o excesso de capital disponível em mãos de particulares fosse reinvestido na indústria, o que acarretaria um desenvolvimento excessivo deste setor da economia, que consideravam nefasto. Este é claro era um recurso que Ricardo e James Mill condenavam ferrenhamente.

Ao lado do capitalismo agrário, estava em moda o agrarismo conservador dos poetas “lakistas” como ficaram conhecidos Southey, Wordsworth e Coleridge; de natureza bem diferente, voltavam-se igualmente contra o capitalismo agrário e industrial, que multiplicava o número de pobres e aumentava perigosamente a desigualdade social, concentrando a riqueza nas mãos de poucos (32). Aceitavam como natural o princípio da desigualdade social, porém gradativo, sem grandes desequilíbrios, sem romper a coesão e harmonia da tradicional hierarquia da “cadeia dos seres”...

O reformismo social dos conservadores tinha muitas afinidades com o radicalismo artesão: apegavam-se da mesma forma à idealização da vida rural e das antigas relações de trabalho personalizadas, à nostalgia do *status* perdido; preocupavam-se com a justiça social, apelavam igualmente para os direitos históricos... voltavam-se ambos contra a nova ideologia liberal dos empresários, contra o comércio livre, contra a mecanização (33). Aceitavam a intervenção do Estado, queriam reformas administrativas que fortalecessem o executivo e a igreja nacional (34).

(32) — Semmel, Bernard. *The Rise of Free Trade Imperialism*: 68 e 75.

(33) — Southey R. desde muito cedo denunciava os perigos do processo de concentração de rendas provocado pela revolução industrial: *Letters from England*, 209 e 210. Também como poeta, por exemplo em Thalaba:

Nor rich, nor poor, was Moath; God hath given
Enough, and blest him with a mind content.
Nor horded gold disquieted his dreams... (III, 21, *Poetical Works*,
V: 93).

ou

From disproportioned inequalities,
Pray that my lot may be
Neither with riches, nor with poverty,
But in that happy mean,
Which for the soul is best... (*Poetical Works*, II, 158); cf. Sobre

filosofia social dos lakistas: Cobban, Alfred. *Edmund Burke and the revolt against the 18th century (a study of the political and social thinking of Burke, Wordsworth, Coleridge and Southey)*, Londres, George Allen & Unwin, 1960.

(34) — Soutrey escrevia contra o comércio livre interessando-se pelos problemas do consumidor e não pelos dos empresários produtores: *L&C*, V: 250-251; *Colloquies*, I: 191-3 (sobre interferência do Estado). Opunha-se à mecanização como causa de desemprego: *L&C*, IV: 196.

Foram os filantropos *tories* os primeiros a tentar introduzir uma legislação trabalhista nas fábricas. Em 1818, Coleridge apoiaria o movimento contra o trabalho infantil e uma moção no parlamento propondo a redução do trabalho para doze horas por dia. Os decretos de Peel, de 1802 e 1818, não teriam entretanto grande resultado, pois se aplicavam somente ao trabalho infantil nos asilos ou *workhouses* de assistência aos pobres (35).

Um dos traços curiosos do reformismo social *tory* eram suas afinidades com os socialistas utópicos. Os projetos de comunidades industriais em moldes socialistas de Robert Owen exerceriam enorme atração sobre o ministério Livrepool, um dos mais reacionários deste período da história inglesa (36). As suas experiências comunitárias, embora baseadas em relações paternalistas e autoritárias entre empresários e trabalhadores, procuravam humanizar as relações de produção e agradaram sobretudo políticos e empresários inquietos com o rumo que iam tomando as cousas. Robert Southey, *tory* e poeta laureado da corte, visitou Nova Lanark e manteve correspondência com Robert Owen (37). A reação contra a miséria provocada pelo primeiro impacto de industrialização, agravado pelas crises periódicas que abalavam a produção, ressuscitariam ressaibos igualitários entre conservadores reformistas e a preocupação com a distribuição da renda. O seu anticapitalismo porém não os levaria a criticar senão os efeitos sociais da industrialização. Como os socialistas utópicos do feitio de Owen ou de St. Simon, que se revoltavam contra as injustiças sociais do capitalismo industrial, exaltavam os progressos técnicos, como um marco no avanço da civilização. Alguns, como Southey, talvez imaginassem pequenas comunidades utópicas essencialmente agrárias, voltadas para uma economia de subsistência e curiosamente resguardadas dos grandes desníveis sociais do antigo regime. . . *Grosso modo*, porém, apreciavam os progressos da revolução tecnológica. Acreditavam, sendo anti-liberais, que o rígido controle estatal remediaria os excessos da desigualdade social e porisso queriam forjar um novo despotismo ilustrado.

Este seria o papel histórico dos conservadores e aristocratas filantropos na Inglaterra pré-vitoriana: o de agitem a questão da interferência do estado nas empresas particulares. Nesse sentido, Southey e Coleridge seriam os precursores de reformadores *tories* do *welfare state* como Michael Sadler, Richard Oastler e Anthony Cooper (38). Este mesmo tradicionalismo *tory* reviveria anos mais tarde, em 1867, com a política

(35) — Colmer, John. *Coleridge, Critique of Society*: 45-6 e 149-151.

(36) — Thompson, E. P. *The making of the English Working Class*: 341-2.

(37) — Carnall, G. *Southey and his age*: 190-193.

(38) — Thompson, E. P. *op. cit.*: 783-5; Bendix, Reinhard. *op. cit.*: 50 (sobre o paternalismo aristocrático do socialismo de R. Owen).

de integração de pobres e ricos de Disraeli. Politicamente, obsecava-o a mesma preocupação de reconstruir o que julgava ser a antiga harmonia da sociedade inglesa, rompida pela formação das classes trabalhadoras e pela Revolução Industrial, de onde o seu programa de conciliar as duas “nações” inglesas do século XIX, a dos pobres e ricos, no seu programa nacionalista de integração social e de expansão do Império Britânico.